Diário da Manhã

13 JUIN 1950

DI

MUSICA

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

«Orfeu»

A inclusão no repertório das Companhia de Opera em actividade no S. Carlos, do «Orfeo e Eurídice» de Gluck é uma renovação de programas notabilíssima.

Esta opera, escrita por um dos maiores compositores teatrais e reformadores musicais de todos os tempos é uma das grandes obras do seu género: a elevada inspiração, a excelente feitura, a modernissima (numa obra de 1762) estética, colocam-na a uma altura que ascusa alguma vez atingiram.

Interpretada pela grande Else Stignani, desde há muito reputada como uma das maiores cantoras que lamais ouviram os célebres Guadagni e Legros (que em Viena e em Paris cantaram as duas versões: a original para contralto, agora ouvida, e a transposta para tenor) — foi, como não podia deixar de ser, um êxito artistico, se bem que não de publico.

Else Stignani é uma cantora incomparavel — desnecessário se torna detalhar pormenorizadamente pois em face de tal prodigio, só há que admirar. Pelizer os que puderam ouvir «Divinita infernale» e «Che faro senza Euridice» cantados por ela; ao isso vale toda uma temporada de ópera e as lições de tirata compendiou de arte de cantar e de representar. Se a crítica se pudesse fazer com interjeições e exclamações de admiração, seria aqui possivel. Falta-nos esse recurso, calamo-nos.

Secundaram-na as cantoras Carmen Forti e Maria Justina Pereira, ambas enmpadas pela magnifica artista: e Sr.ª Carmen-Forti teve bons momentos no seu 4.º acto, mas foi quase sempre de uma voz dura, sem maleabilidade e sem facilidade. Todavia a sua presença scenica e inteligencia faz em parte esquecer esses pequenos males. A soprano Maria Justina Pereira provou definitivamente o seu papel com honestidade — diz-se que o conseguiu plenamente seria excessivo pois foi vitima de um compreensivel nervosismo que a não deixou expandir livremente qualidades que possuit. Cumpriu meritoriamente mas, valha a verdade, pouca cantoras conhecemos entre nós de quem, em tal situação, o mesmo pudesse ser dito.

O restante da opera foi uma afirmação dos bons créditos de algumas entidades: dos Srs. Furiga e Matias e Silva que ocnseguiram um «triunfo» vinimdo ao melhor gosto do maestro Votto que foi, como sempre, activa de todo o comentário; de alguns solistas da Orquestra Sinfónica Nacional que patentearam qualidades que ninguem ousou pôr em duvida, mesmo nos mais asperos comentários à actuação da Orquestra; do grupo coral do teatro, iniciativa digna de maior apreço e interesse, que cumpriu sempre, salvo algumas indecisões no 2.º acto e certas diurezas no 3.º, que convem eliminar em beneficio de futuras audições (e estamos certos que am artista, tão competente como o Sr. Pellegrini facilmente o conseguirá); finalmente «the last but not the least» a Orquidea de Iniciação Coreografica: os bailados do 3.º acto são, indiscutivelmente, bons bailados de opera, dignos de qualquer palco. Devo-se isso, antes de tudo, a D. Margarida de Abreu, que continua sendo orgânizadora rarissima e coreografa de fina sensibilidade; depois aos dois primeiros bailarinos de boa classe, que são Ana Maria e Fernando Lima; por fim a enorme vontade de acertar do «corps-de-ballet», onde poderiamos apontar alguns nomes que são promessas de valor. Parece-nos extremamente acertada a ideia de um corpo de baile do teatro, continuar a chamar e a apoiar com carácter permanente o C. I. C. e sanhará assim esse prometedor agrupamento, a quem falta totalmente qualquer apoio que não a boa vontade dos amigos. O Teatro, que deste modo eliminaria certos pagarenos sciantes de mau gosto em bocas pasadas, e, além do mais, o publico que, embora pela sua pequena ignorancia, estulta incompreensão e raro deintaressa-se, não merece que nele se pense, todavia, uma pobre realidade com que há que contar, ao menos como fonte de retórica.

Este «Orfeu» foi uma vigorosa e valiosa afirmação do mérito da direcção do Teatro de S. Carlos — e não temos dúvidas que estas boas vontades ahunem entre nós. Renão de mais para as grandezas.

R. M.

Margarida de Abreu

Professora e coreógrafa

O exito dos bailados da temporada de ópera italiana em S. Carlos constituiu a decisiva afirmação duma grande artista que, através do C. I. C., de sua fundação e direcção, conseguiu em meia dúzia de anos dar corpo ao sonho, que parecia irrealizavel, de dotar o País com um corpo de baile clássico à altura da nossa primeira cena lírica, apesar de ter partido de zero e sem qualquer subsidio oficial.

A obra notavel da professora, que pode ser interesse nacional indiscutivel e alcança uma todo o escalão, um poder de acção e um espírito de sacrifício sem limites, velo agora confirmar-se, na utilização superior desse maravilhoso instrumento, pela revelação definitiva do seu excepcional talento criador de coreógrafa, fonte de inspiração bela e de surpreendente e sempre renovada originalidade, demonstrada através das coreografias andaluzas e brilhantes de «Orfeu», da «Gioconda», da «Aida», da «Adriana», do «Falstaff», do «Fausto» e de numerosas outras óperas de menor responsabilidade.

Margarida de Abreu foi devotadamente servida pelos seus interpretes, valiosa pleiade de artistas por ela própria formados, em que sobressai a classe técnica de Anna Maria e de Fernando Lima, dois invulgares bailarinos clássicos que com muito brilho ocuparam a difícil posição de estrelas que lhes foi destinada.

Prof.ª Marg. de Abreu

Março 1950

DIARIO POPULAR

DOIS DAS NOVE

MÚSICA — «ORFEU», em S. Carlos — O segundo espectáculo de ópera em S. Carlos foi «Orfeu», de Gluck. Esta simples enunciação caracteriza terminantemente o serviço que se está prestando à própria existência e realidade da nossa cena lírica.

O verdadeiro sentido da música teatral ao serviço determinante do «espectáculo» para ser observado pelos sentidos auditivo e visual — espectáculo conseguido pela fusão das artes — verifica-se na obra de Gluck em toda a sua pujança. O genial reformador, na linha de Monteverdi e Rameau, marca a transformação final da ópera-recitativo no drama musical para o que se socorre de todas as artes que a sua enorme cultura permite entender e sentir. Musicalmente, para quem pensava que a música deveria ser para a poesia o mesmo que a vera-cidade das cores e o contraste bem ordenado de sombra e luz deveria ser para o desenho exacto e bem composto, e ainda que ela devia servir a poesia na expressão dos sentimentos e situações dramáticas e não uma forma ilusiva e enfraquecê-la, não era difícil, apoiado em todas as suas concepções, realizar obras-primas no seu labor, do qual «Orfeu» é característico. Na já longa e evolutiva vida da música teatral a obra de Gluck — espírito alemão com laivos da precisão francesa e do requinte italiano — é uma pedra que a dobagem do tempo não consegue corroer.

Não é assim de mais dizer-se que a ter-se ergulido ontem em S. Carlos o «Orfeu» de Gluck, marca a inauguração que se está seguindo e ainda a própria temporada por forma notavel.

A sua realização foi de uma dignidade corrente e teve a categoria necessária.

Else Stignani — a cantora prodigio, unica — foi Orfeu. O divino cantor, filho de Calíope, não poderia estar melhor representado, ou, por outra, foi mesmo Orfeu que esteve ontem em S. Carlos. A assistência, rendida, tributou-lhe ovações intermináveis.

Fiorella Carmen Forti fez uma «Eurídice» notável, e completou com a

(Continua na 11.ª pág.)

15-3-950 Diário de Lisboa

TEATRO

Ópera lírica

«Orfeo», de Gluck, em S. Carlos

Se fossemos a deter-nos em todos os pormenores que concorreram para a confecção de uma ópera como esta «Orfeo» de Gluck, outrem reposto em S. Carlos, podia parecer-nos inoportuno e descabido, o nosso deslumbramento, perante a obra-prima que acabamos de ouvir, em que Gluck alcança, na elevação e unidade de estilo, a sobriedade e o patético da expressão, o equilíbrio perfeito das três *realidades*—ou antes, *reflexos*: a de que a música, a dos cantores, a do teatro. E' este pouco o que distingue Gluck dos compositores da sua época, que em a frivolidade vencia a frescura, o virtuosismo vencia a expressão, e o espectáculo subia mais um quantos pontos, acima de qualquer razão dramática.

Claro, o desempenho que nos foi proporcionado, no seu total foi de molde a permitir fàcilmente aquele nosso juízo, e pouco. Uma partitura do timbre de Gluck, é evidente, não tem em ajustamentos de pormenor, a dificuldade que encerra uma partitura Wagneriana,—ou, vamos lá, uma partitura de Massenet: mas justamente as suas exigências de estilo, de proporção, podiam ser um escolho para um maestro menos seguro e de menos envergadura do que Antonino Votto. Os bailados, que ocupam todo o 2.º acto, (furias, demónios, larvas), e o 1.º quadro do 3.º acto, delicioso visão arcadiana sobre um *suite* de danses em que predomina o ritmo de *minuete* e que *sentam fatalmente* de mais melindrosa realização. No próprio compasso acordo ou não com as exigências de Gluck sorca de uma sempre justa expressão dramática, como seria resolvido o caso, pelas limitadas bailarinas encarregadas disso? Só se sabe de positivo que nas margens do rio Styx, havia fumo e labaredas; e coletivo comparecem suprimio-os? Porquê? (Podiam ser substituídos por efeitos de luz equivalentes). E como composição dos grupos e ordenação de coloridos da indumentária, Margarida de Abreu foi feliz; e os solistas do 3.º acto (apoteose) num conjunto dos movimentos. Os coros, que enquadram a obra, a soberba cena de abertura, e de grandiosidade Handeliana (depois de poucos compassos orquestrais preambulares), o final, serenamente dúcoo,— também o coro e as imprecações que acompanha o bailado das furias, também merecem que recaiam algumas sobre o maestro de coros, Pellegrini...

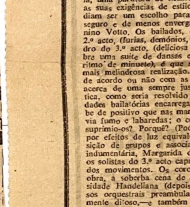
Em «Orfeo», Else Stignani incarna nem mais nem menos do que toda a realeza do canto a que acima aludimos, aquele rigor de estilo e patético da expressão, se assim pode sempre predigiosa voz tecnicamente dominada até ao extremo. No gesto, discreto e comedido, segue regras consagradas que concordam com o seu físico; e vestes e penteados ricos (Saiba o leitor que apreceem «Orfeos» célebres de capacete na cabeça e espada na mão). Ao lado de Else Stignani, a Fiorella Carmen Forti cantou muitissimo bem e representou com todo o bom gosto e propriedade o terno papel de «Eurídice». A cantora portuguesa Maria Justina Pereira, nos grandes momentos que Gluck dispensou à intervenção do *Amor*, houve-se com brilhantismo vocal. Nada colaboração, deve encontrar exemplos e incitamentos que as suas capacidades de comprendidas e trabalho não-de aprontar.

Nos cenários, mencionaremos um bom aproveitamento de cortinas, e duas telas de visão teatrica com sorvar um bom lanço. Uns enormes elementos de acessório agradam-nos menos.

Abordamos para acabar o ponto, talvez essencial, do que temos a dizer: a nossa pena de que um espectáculo assim seja levado uma vez apenas! Bem sabemos, bem vimos, mesmo assim, o enchente não foi total. No entanto; estamos convencida de que muita e muita gente se agradaria com esta arte, se ela fosse posta ao seu alcance. E isso é que seria verdadeira obra cultural. Seria também a possibilidade de um desempenho em que desaparecessian, justamente, imperfeições de pormenor—porque havia ensejo de as emendar; e não seria necessário ouvir-se o ponto, a acudir desalmadamente á massa coral; e dizíamia de haver desencontros, falais numa primeira representação, entre cena e orquestra.

E se as nossas palavras tão simples e sinceras fossem atendidas?

FRANCINE BENOIT



(Continuação da 2.ª pág.

sua linda voz. Maria Justina Pereira no «Amore cantou com correcção de estilo, demonstrando mais uma vez o seu alto valor.

Esplendidamente bem o corpo coral privativo do teatro — que na obra tem importancia primordial — e que pela sua acção mais uma vez mostrou quanto vale e quanto lhe é benéfica a direcção do maestro Pellegrini.

Outro grande elemento de espectáculo de ontem foi o Circulo de Iniciação Coreográfica na direcção da professora Margarida de Abreu. Elemento de quase constante actuação na ópera, sobre o recente pormenor, (Saiba o leitor que apreceem «Orfeos» célebres de capacete na cabeça e espada na mão). Ao lado de Else Stignani, a Fiorella Carmen Forti cantou muitissimo bem e representou com todo o bom gosto e propriedade o terno papel de «Eurídice». A cantora portuguesa Maria Justina Pereira, nos grandes momentos que Gluck dispensou à intervenção do *Amor*, houve-se com brilhantismo vocal. Nada colaboração, deve encontrar exemplos e incitamentos que as suas capacidades de comprendidas e trabalho não-de aprontar.

Nos cenários, mencionaremos um bom aproveitamento de cortinas, e duas telas de visão teatrica com sorvar um bom lanço. Uns enormes elementos de acessório agradam-nos menos.

Abordamos para acabar o ponto, talvez essencial, do que temos a dizer: a nossa pena de que um espectáculo assim seja levado uma vez apenas! Bem sabemos, bem vimos, mesmo assim, o enchente não foi total. No entanto; estamos convencida de que muita e muita gente se agradaria com esta arte, se ela fosse posta ao seu alcance. E isso é que seria verdadeira obra cultural. Seria também a possibilidade de um desempenho em que desaparecessian, justamente, imperfeições de pormenor—porque havia ensejo de as emendar; e não seria necessário ouvir-se o ponto, a acudir desalmadamente á massa coral; e dizíamia de haver desencontros, falais numa primeira representação, entre cena e orquestra.

E se as nossas palavras tão simples e sinceras fossem atendidas?

FRANCINE BENOIT

Os bailados da temporada italiana de opera em S. Carlos

Mais de metade das operas da proxima temporada italiana em S. Carlos exigem a intervenção do corpo de baile, e algumas em trabalho de grande responsabilidade. Basta citar «Orfeu», de Gluck, a «Gioconda», a «Aida», a «Adriana Lecouvreur», o «Falstaff», o «Penador de Perolas». De todas elas, porém, o «Orfeu» de Gluck, é a que oferece maiores dificuldades: trata-se de uma verdadeira opera ballet, em que o corpo de baile praticamente, acompanha de lés a lés a poetica acção de cena. São tais os escolhos tecnicos da execução coreografica que se perde a mão tradição na maioria dos grandes palcos líricos do Mundo. Sem qualquer favor, será fácil, bem timbrada, mantê-lo em boa altura e ao nivel da representação. Merecem os coros de S. Carlos um louvor especial, assim como os bailados, ricos na interpretação e em que se destacam Ana Maria e Fernando Lima.

Anna Maria

A nossa Orquestra Nacional, dirigida Antonino Votto realizou a tarefa difícil, mas brilhantissima de dar ao «Orfeu» de Gluck a grandiosidade requerida. Luis Boulton perfeito no seu solo do 3.º acto.

MARIA ANTONIA PALHARES

MUSICA

A ópera "Orfeu", de Gluck, no teatro de S. Carlos

Tivemos ontem um espectáculo de arte incomparavel.

A obra de Gluk há tantos anos afastada do nosso teatro lírico, teve na sua actual realização, um esmero e um cuidado, de que resultou um espectáculo belo, em toda a acepção da palavra.

Elfe Stignanni foi uma interprete ideal. A sua Voz rica, como nenhuma outra, a sua emissão de conhecimento perfeito das cibras que executa, a forma incomparavel com que articula os recitais, tudo isto, lazem de Elfe Stignani, sem dúvida a mais completa cantora de Actualidade.

Também Fiorella Carmen Forti, foi uma «Eurídice» muito completa, tendo passes bastante felizes.

A nossa compatriota Maria Justina Pereira numa dura prova, saiu vencedora e revelou ser um bom elemento a aproveitar. Vez fácil, bem timbrada, mantevê-se em bos aitura e ao nivel da representação. Merecem os coros de S. Carlos um louvor especial, assim como os bailados, ricos na interpretação e em que se destacam Ana Maria e Fernando Lima.

A nossa Orquestra Nacional, dirigida Antonino Votto realizou a tarefa difícil, mas brilhantissima de dar ao «Orfeu» de Gluck a grandiosidade requerida. Luis Boulton perfeito no seu solo do 3.º acto.

MARIA ANTONIA PALHARES

Teatro Nacional de S.CARLOS

Temporada de O'PERA

1950

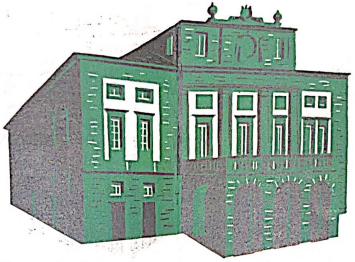
ORFEO

ÓPERA EM 4 ACTOS (5 QUADROS)

COMPANHIA DE ÓPERA ITALIANA
COM A
ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL
Maestro Director
ANTONINO VOTTO
CORO DO TEATRO N. DE S. CARLOS
Maestros de coros
MÁRIO PELLEGRINI
e TEÓFILO RUSSEL
Maestro substituto
MÁRIO ROSSINI

Regista — *MARIO FRIGÉRIO*
Director de cena — *FILIPPO DADÓ*
Ponto — *CARLO PASQUALI*
Cenários de — *ALFREDO FURIGA*

BAILADOS PELO C. I. C.
Corégrafa: MARGARIDA DE ABREU
Primeiros bailarinos:
ANNA MARIA e FERNANDO LIMA
AGUEDA SENA — BERNARDETTE



JALCO, LDA. DECOROU E MOBILOU ESTE TEATRO

ORFEO

MÚSICA DE CRISTÓVÃO GLUCK

Orfeo . . . . . EBE STIGNANI

Euridice . FIORELLA CARMEN FORTI

Amor. . . MARIA JUSTINA PEREIRA